

Entre a (in)sanidade e a denúncia racial: aventuras e desventuras narrativas em *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (1956), de Lima Barreto / *Between (In)Sanity and Racial Denunciation: Narrative Adventures and Misadventures in Madhouse Diary and The Cemetery of the Living* (1956), by Lima Barreto

Renan Vieira de Santana Rocha*

RESUMO

O presente estudo, resultado de uma pesquisa doutoral, focaliza a obra autobiográfica de Lima Barreto, *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (1956), analisando as narrativas ali presentes que abordam a articulação entre saúde mental e racismo no Brasil do início do século XX. Lima Barreto, um dos primeiros escritores negros a descrever a realidade de um manicômio brasileiro, enquanto paciente, oferece uma análise crítica da própria vida no Brasil daquela época; e o autor destaca a presença de um sistema opressor que se manifesta no suposto “cuidado” direcionado às pessoas consideradas “alienadas” ou “loucas” — sistema este, em verdade, particularmente mais humilhante quando direcionado a pessoas negras e não-brancas, em geral. Ao fazê-lo, este estudo não propõe, outrossim, conclusões definitivas sobre o pensamento barretiano, mas destaca os espaços ocupados pelo pensamento psicológico e psiquiátrico na sociedade brasileira daquele período, conforme retratado nas narrativas da obra selecionada de Lima Barreto.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto; Saúde Mental; Racismo; Análise de Narrativas Autobiográficas; Literatura de Ancestralidade Negra

ABSTRACT

The present study, resulting from a doctoral research, focuses on the autobiographical work of Lima Barreto, Madhouse Diary and The Cemetery of the Living (1956), analyzing the narratives therein that address the intersection between mental health and racism in Brazil in the early 20th century. Lima Barreto, one of the first black writers to describe the reality of a Brazilian asylum as a patient, offers a critical analysis of life in Brazil at that time; and the author highlights the presence of an oppressive system manifested in the supposed “care” directed at those deemed “alienated” or “crazy” — a system that is particularly more humiliating when directed at black and non-white people, in general. In doing so, this study does not propose definitive conclusions about Barreto’s thought, but highlights the spaces occupied by psychological and psychiatric thinking in Brazilian society of that period, as depicted in the narratives of Lima Barreto’s selected work.

KEYWORDS: Lima Barreto; Mental Health; Racism; Autobiographical Narratives Analysis; Black Ancestry Literature

* Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde – PPGICS/UNIFESP; Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais – PPGSSPS/UNIFESP, Santos, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-4981-2854>; renan.rocha@unifesp.br

Introdução

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, é um autor do período literário conhecido como Pré-Modernismo brasileiro, que viveu na sociedade carioca entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX (Schwarcz, 2010; 2011; 2017; Prado, 2012; Resende, 2017). Ao longo de sua notória produção literária, destacam-se duas obras, publicadas em conjunto, de caráter autobiográfico, denominadas *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (publicadas, oficial e originalmente, em 1956). Nestas obras, Lima Barreto descreve a sua experiência enquanto paciente psiquiátrico, interno do Hospital Nacional de Alienados, manicômio pertencente à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, na capital fluminense (Schwarcz, 2017) — tendo como principal objeto de sua escrita a sua segunda internação, ocorrida entre 25 de dezembro de 1919 e 02 de fevereiro de 1920.

Estas obras, se observadas em termos históricos, podem configurar-se como os primeiros registros escritos brasileiros de autoria de um paciente psiquiátrico (ou, em termos atuais, de um usuário de serviços de Saúde Mental), a retratarem a vivência dentro de um “hospital de alienados” (ou manicômio, ou sanatório, ou hospital psiquiátrico, entre outras expressões possíveis) (Schwarcz, 2017).

Já paralelamente, se observadas em termos críticos, estas mesmas obras podem igualmente configurar-se como alguns dos primeiros registros literários escritos, advindos de um homem negro, a ponderarem sobre a relação que há, no Brasil, entre a questão da pobreza, do racismo e da loucura, escapando aos modelos explicativos normativos e médico-eugênicos que a Escola Nina Rodrigues houvera forjado no discurso científico nacional (Schwarcz, 1993). Notemos: ao invés de ponderarem a “concepção da loucura” a partir de referenciais craniológicos, frenológicos e antropométricos, como procuravam categoricamente afirmar as pesquisas da Antropologia Criminal Brasileira (ou das chamadas “Teorias Bioantropológicas da Criminologia”) do início do século XX (Schwarcz, 1993), tais obras parecem apontar para uma direção analítica muito mais crítica e humanizada, em que as condições concretas de vida de diferentes sujeitos, estratificados socialmente nos mais distintos grupos étnico-raciais, aparentam surtir muito

mais efeito sobre a sua subjetividade e a sua saúde mental do que “(...) o tamanho e a proporção do cérebro dos diferentes povos” (Schwarcz, 1993, pp. 48-49).

Tendo por base estas observações preliminares, de âmbitos, sobremaneira, históricos e críticos, é que *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (1956), de Lima Barreto, são escolhidas como nossas obras seminais, fontes fundamentais para o nosso diálogo. Isto porque, enquanto objetivo primordial, o presente estudo enseja identificar as narrativas produzidas sobre a relação entre saúde mental e racismo no início do século XX, no Brasil; e a obra autobiográfica barretiana aparece em um cenário privilegiado para possibilitar a consecução do objetivo em tela.

No entanto, para além do objetivo geral delineado, neste estudo, há um conjunto de provocações ético-políticas que também nos movem, derivadas de um conjunto de perguntas, estas mais incômodas, e que temos similarmente erigido: há, nas Ciências da Saúde e nas Ciências Sociais e Humanas um histórico de reconhecimento da relevância das questões da Saúde Mental, especialmente compreendidas a partir de leituras histórico-críticas, que evidenciem as dimensões sociais, econômicas e políticas que atravessam estas mesmas questões? Se há este histórico, as questões étnico-raciais encontram passagem e visibilidade enquanto elementos não apenas alegóricos ou tangenciais, mas sim enquanto elementos estruturais da análise sobre a Saúde Mental da população brasileira? E, se as Ciências da Saúde e as Ciências Sociais e Humanas não dão a devida centralidade a estas questões, pode a Literatura de Ancestralidade Negra nos dar o tom necessário para (re)centrar este debate — tendo como exemplo magno, no presente estudo, Lima Barreto e seus escritos?

Logo, longe de nos propormos a apresentar conclusões rotundas a tais provocações ético-políticas anteriormente soerguidas, as mesmas nos servem para lastrear justificativamente o presente estudo, que procurou, a partir da aplicação teórico-metodológica da Análise de Narrativas Autobiográficas (Schütze, 1976; 2014; Jovchelovitch; Bauer, 2002) à obra *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (1956), dar vazão ao objetivo primordial delineado e já apresentado — reconhecendo, “de largada”, que está posta a relevância social e científica de estudar Lima Barreto, não apenas como autor crítico do início do séc. XX brasileiro, mas também como autor basilar da Literatura de Ancestralidade Negra de nosso país (Nascimento, 2018; Vasconcelos, 2018). Sigamos, então, à apreciação dos achados da presente pesquisa.

1 Considerações teórico-metodológicas: sobre a pesquisa com Lima Barreto

Para a realização do presente estudo¹, tomamos os escritos barretianos em *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (1956) como material bibliográfico de pesquisa, lido e submetido à Análise de Narrativas Autobiográficas (Schütze, 1976; 2014; Jovchelovitch; Bauer, 2002). Nesta leitura, procuramos identificar as chamadas “trajetórias (ou narrativas) individuais” e amalgamá-las na forma de “trajetórias (ou narrativas) coletivas”. Essas trajetórias (ou narrativas) coletivas devem expressar questões gerais que se revelam nas trajetórias (ou narrativas) individuais, mas que não são circunscritas à experiência do narrador — o que se pode saber através dos dados indexados, dados derivados de pesquisa preliminar acerca do tempo-espaço em que o narrador analisado se localiza. Logo, espera-se que as trajetórias (ou narrativas) *convertidas* em coletivas falem acerca de *movimentos de narração* de realidades e/ou contextos a que estão submetidos e/ou circunscritos não apenas um sujeito, mas uma coletividade, um conjunto de sujeitos que experimenta certa(s) condição(ões).

Tais trajetórias (ou narrativas) coletivas, quando vistas à luz dos dados indexados, investigados anterior e paralelamente ao ato da pesquisa, criam condições para o delineamento de “desfechos analíticos”, que nada mais são do que uma outra forma de nomear “categorias de análise” e, aí sim, tornam possível ao pesquisador apresentar, neste momento, os seus principais achados e as conclusões derivadas de tal percurso (Schütze, 1976; 2014; Jovchelovitch; Bauer, 2002).

Isto dito, na presente pesquisa, consideramos que há a produção, em verdade, de quinze (15) narrativas literárias distintas na obra barretiana, mas todas produzidas pelo próprio Lima Barreto, a partir de uma perspectiva inegavelmente autobiográfica. Vide:

- a) Em *Diário do hospício*, primeiro conjunto de narrativas do escopo selecionado, temos um agregado de memórias e reflexões, escritas em primeira pessoa e de caráter assumidamente autobiográfico, acerca das experiências de um paciente psiquiátrico em um manicômio, produzidas por Lima Barreto durante a sua

¹ O presente estudo, em tempo, deriva de uma pesquisa doutoral, intitulada *Saúde mental e relações étnico-raciais no Brasil: narrativas de Lima Barreto, Leituras historiográficas e elucubrações ulteriores*, de autoria de Rocha (2022). Neste artigo, priorizamos um recorte central à mesma, derivado da seção *Análise e discussão dos resultados: narrativas de Lima Barreto e elucubrações ulteriores*.

segunda internação no Hospital Nacional de Alienados — ou seja, entre 25 de dezembro de 1919 e 02 de fevereiro de 1920. Trata-se de um conjunto nem sempre coeso ou de redação uniforme, em que o escritor, às vezes, meramente registra apontamentos, tanto quanto, às vezes, desenvolve raciocínios mais elaborados sobre a sua história de vida e a sua experiência manicomial. Estas narrativas estão dispostas, assim, em dez (10) seções ou capítulos distintos, nove (09) intencionalmente escritos por Lima Barreto, e um (01) último que não foi oficialmente considerado pelo próprio escritor, pois se apresenta na forma de compilado de notas, a serem desenvolvidas posteriormente, e que contou com as contribuições de pesquisadores outros que, *post mortem*, colaboraram na manutenção deste compilado barretiano. Toda a obra, todavia, parece servir de base para que Lima Barreto desenvolvesse uma obra posterior — o que, de fato, acabou ocorrendo (parcialmente) com a escrita de *O cemitério dos vivos*;

- b) Já *O cemitério dos vivos*, por sua vez, é o segundo conjunto de narrativas do escopo selecionado. Divide-se, formalmente, em cinco (05) capítulos, todos igualmente de autoria de Lima Barreto. Curiosamente, estas narrativas, que foram construídas posteriormente à sua internação, apresentam-se com um encadeamento muito mais coeso e fluido, com as ideias organizadas na forma de reflexões que se concatenam ao ritmo da narrativa e aos fatos que vão se sucedendo, acompanhados de pertinentes reflexões que lhe dizem respeito. *O cemitério dos vivos*, contudo, apesar de também escrito em primeira pessoa e de caráter (veladamente) autobiográfico, revela-se como um romance, cujo personagem, que padece dos sofrimentos narrados, chama-se “Vicente Mascarenhas” — e não Lima Barreto. Este é um dado que, entretanto, não escamoteia o efetivo sentido autobiográfico — ou autoficcional — da escrita de Lima Barreto, na medida em que Vicente Mascarenhas é apenas um eu-lírico, *alter ego* do próprio Lima Barreto, como se vê da observação dos manuscritos originais da obra, em que o escritor, por diversas vezes, escreve e rasura o seu próprio nome, substituindo-o pelo de seu personagem principal².

Vê-se assim, e de forma geral, que ambas as obras, e as suas quinze (15) pertencentes narrativas, apresentam, por diversos momentos, uma certa aparência de inacabamento. Em *Diário do hospício*, cremos que isto se dá porque Lima Barreto o tinha muito mais como um conjunto de apontamentos a serem explorados posteriormente — o que prescinde, de tal modo, de uma maior organização da escrita e das ideias ali presentes.

² Os manuscritos originais estão disponíveis para acesso de pesquisadoras/es junto à Fundação Biblioteca Nacional. Muito embora tenhamos utilizado formalmente, nesta pesquisa, a edição de 2017 das obras em questão, publicadas pela Editora Companhia das Letras, também recorremos à observação dos manuscritos originais, para o tecer de algumas considerações, por termos em conta a relevância do caráter historiográfico desta observação. O acesso aos mesmos é livre e pode ser realizado junto ao acervo da Fundação já citada.

Já em *O cemitério dos vivos*, contudo, este esforço de organização da escrita e das ideias aparece mais largamente; o que pode ter relação com o fato de que este último é que, deveras, era a obra aventada por Lima Barreto como síntese de sua experiência no Hospital Nacional de Alienados — e que, infelizmente, restou inacabada, por conta de seu falecimento em 01 de novembro de 1922, aos 41 anos, decorrente de um colapso cardíaco.

Estas observações, não obstante, apenas reforçam o caráter imersivo no contexto manicomial para o texto em questão, e ampliam a nossa percepção quanto ao seu valor e potência de reconstituição de uma determinada realidade a partir daquilo que se narra literariamente em cada uma das quinze (15) narrativas supracitadas. Doravante, nas próximas seções, apresentaremos alguns fragmentos narrativos de destaque em nossa análise de ambas as obras, a partir da costura de súmulas, com os cinco (05) desfechos analíticos derivados de nossas análises; conforme se observará a seguir.

2 Considerações teórico-analíticas: movimentos de narração e desfechos analíticos

Das análises das narrativas barretianas, vemos que há certas concepções que ganham força pela sua contumaz repetição, pela contundência de sua reflexão, ou pela atrocidade de sua descrição. Em todos estes casos, elas revelam, nas leituras de Lima Barreto sobre o hospício e sobre as questões étnico-raciais ali presentes, concepções que consideramos coletivizáveis, na medida em que, como narrativas, elas não são mera reflexão personalíssima sobre a sua própria trajetória — como vimos nas Considerações teórico-metodológicas — mas sim memórias subjetivas que representam um tempo e um espaço em que se deu a sua produção, configurando, de tal forma, algo de uma certa capacidade de (re)produção coletiva quanto a uma dada realidade e um dado contexto.

À vista disso, o que se nota na leitura selecionada de Lima Barreto são *cinco (05) movimentos de narração fundamentais* — expressões do que já chamamos de trajetórias (ou narrativas) coletivas — as quais o escritor aparentemente quisera deixar registradas, em seus escritos, acerca do que viveu e do que percebeu sobre o contexto manicomial, racializado e racista a que fora submetido, a saber:

- a) O primeiro movimento que constatamos em sua narrativa é o de apresentar possíveis definições para os fenômenos da “alienação”, em que se destacam a loucura e o alcoolismo. Em distintos momentos das quinze (15) narrativas analisadas, vemos o esforço do escritor em apresentar, por vezes, argumentações mais teóricas, por vezes, divagações mais livres e subjetivas — mas ambas no sentido de margear a loucura e, em alguma medida, descrevê-la;
- b) O segundo movimento que constatamos em sua narrativa, e que dialoga com o anterior, é o de conjecturar articulações entre a loucura, o alcoolismo, a pobreza e as condições de trabalho (dentro e fora do hospício). O escritor procura, outrossim, rechaçar respostas fáceis, óbvias ou totalizantes sobre o que desencadeia a loucura, tal e qual vai tomando como base argumentativa fatos de sua própria vida e da vida de seus colegas pacientes psiquiátricos, mas também dos profissionais que ali trabalham, para constatar o quanto a loucura parece rondar, mais particularmente, aos pobres (e, colateralmente, aos negros), e àqueles submetidos a piores condições de trabalho;
- c) O terceiro movimento que constatamos em sua narrativa é o de apontar certos estereótipos e estigmas construídos sobre os negros e os mestiços, não apenas entre os médicos, enfermeiros e guardas dos hospícios, mas, também, entre os próprios pacientes psiquiátricos e em diferentes setores da sociedade em geral. A condição de ser negro ou mestiço no Brasil é descrita como um sinal de alerta para a loucura e a criminalidade e isto não escapa aos olhos e à narrativa do escritor;
- d) O quarto e penúltimo movimento que constatamos na narrativa barretiana, e que se articula fortemente ao anterior, é o da existência de uma espécie de estética (negra) no hospital psiquiátrico, que padece de certa invisibilidade crítica em termos de uma avaliação daqueles que dirigem a instituição manicomial. Mais do que apontar para pressupostos científicos basilares que sugerem uma maior “degenerescência natural” para a população negra e mestiça do Brasil, Lima Barreto descreve, em detalhes, como tais ideias já se fazem valer na construção da população manicomial brasileira do início do século XX, em que os corpos negros já são a maioria no espaço do hospício — e isto precisa ser algo narrado, trazido à tona, reconhecido como do campo do real;
- e) E, por fim, o quinto e último movimento que constatamos na narrativa barretiana, e que talvez seja o mais recorrente, diz respeito às suas críticas constantes e contumazes quanto aos alienistas e ao saber-fazer psiquiátrico. Enquanto vai criticando uma prática médica (euro)centrada em reproduções, o escritor nos convida (quando não convoca) a uma maior liberdade de pensamento, voltada para as coisas nacionais, de nosso país e de nosso povo (em especial, negro e indígena). No entanto, ele percebe que este é um processo do qual a Psiquiatria da época se distancia cada vez mais, e diz do quanto isto tem a ver com uma certa “Cultura do

Doutor” — mesmo que tal não seja algo hegemônico, entre absolutamente todos os médicos.

Assim, convém destacar que a forma como dispomos e apresentamos estes movimentos não representa uma síntese cronológica ou mesmo bibliométrica quanto à narrativa barretiana presente em *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. Antes, representa uma síntese, um esforço de produzir desfechos analíticos pertinentes aos objetivos da presente pesquisa — o que encontra respaldo, como já mencionamos, nas proposições metodológicas de Schütze (1976; 2014) e Jovchelovitch e Bauer (2002).

Por assim o ser, cremos que estes movimentos descritos anteriormente encontram suficiente anteparo para configurarem as nossas dimensões de análise para este momento — as quais temos chamado, por respeito ao método selecionado, de “Desfechos Analíticos” — e que serão apresentadas, doravante, em condensação, no quadro a seguir:

Quadro 01: Desfechos Analíticos derivados de Diário do hospício & O cemitério dos vivos

Nº	Desfecho Analítico	Descrição Sumária
01	Definições de Alienação, Loucura e Alcoolismo	Compreende as narrativas do escritor em tentativa de definição da alienação, destacando-se a loucura e o alcoolismo. São apresentadas tanto concepções mais teóricas, quando concepções mais subjetivas, por vezes, até mesmo na forma de divagações.
02	Multicausalidade Loucura-Alcoolismo-Pobreza	Compreende as narrativas do escritor que associam processos de enlouquecimento à pobreza, à miséria, à fome, ao desemprego e a más condições de trabalho, entre outros. Associam-se, inclusive, tais condições, mais destacadamente, ao alcoolismo.
03	Estereótipos e Estigmas sobre os Negros e os Mestiços	Compreende as narrativas do escritor acerca de falas proferidas e teorias científicas reproduzidas em caráter depreciativo a negros e mestiços. No hospício, isto aparece tanto entre profissionais quanto entre pacientes, e evidencia laços com o racismo científico.
04	A Estética (Negra) do Hospital Psiquiátrico	Compreende as narrativas do escritor, sobretudo aquelas produzidas em <i>O cemitério dos vivos</i> , quanto à presença majoritária negra nos hospícios. Vê-se relatos diretos, imagéticos e demonstrativos desta presença majoritária, que atesta o racismo científico.
05	Ética Alienista, “Cultura do Doutor” e Polaridades Psiquiátricas	Compreende as narrativas do escritor em que se produzem críticas à ciência, aos psiquiatras e aos demais profissionais do hospício à época. Acusa-se a presença de uma colonialidade do pensamento médico nacional, e aponta-se a liberdade como horizonte.

Fonte: Elaboração do autor, 2024.

Isto posto, e em diálogo com os últimos passos previstos para a boa consecução da Análise de Narrativas Autobiográficas (Schütze, 1976; 2014; Jovchelovitch; Bauer, 2002), passemos, então, à discussão em súmulas de cada um destes desfechos, sempre com as devidas ilustrações oriundas de fragmentos narrativos, para tal, selecionados.

3 Considerações teórico-discursivas: entre a (in)sanidade e a denúncia racial

3.1 Definições de alienação, loucura e alcoolismo

Na narrativa barretiana, as considerações sobre a alienação são diversas, e oscilam entre leituras mais críticas, e outras mais divagantes — sendo a loucura e o alcoolismo formas mais específicas desta manifestação. Acerca da loucura, em específico, por vezes, veremos na narrativa do escritor uma definição de algo do campo do mistério, do que expande a consciência humana e o que sabemos sobre nós mesmos e a nossa subjetividade. A loucura, assim, não é tida como algo necessariamente ruim ou prejudicial à vida dos sujeitos, na medida em que ela possibilita, a alguns, simplesmente uma outra forma de ver o mundo e as relações que nele se estabelecem.

O escritor também a compreende como algo da ordem da indefinição, em trechos como: “Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela” (Barreto, 2017, p. 55). Acerca disto, curioso é notar que, aos olhos de Lima Barreto, loucura também pode ser, portanto, expressão de um mistério — o que também se vê no trecho: “(...) cercado de mistério, talvez as alucinações que tive, as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...” (p. 52). Tal visão demonstra que, para o escritor, a loucura não é e não deve ser tomada como, de todo, um quadro unicamente representativo de sofrimento. Há nela algo de manifestação subjetiva que ocupa um lugar intangível, ante o qual as ciências, por conseguinte, jamais conseguirão, deusas, chegar.

Tais opiniões sobre a loucura, a despeito de conservarem uma visão muito mais humanizada que as muitas outras visões científicas produzidas para o período em tela, afastam-se das leituras generalizadas do saber médico-eugênico da época. Isto porque,

para a Psiquiatria produzida àquele tempo — e isto aparece fartamente em Arantes (2008a; 2008b; 2008c; 2010), Schwarcz (1993; 2011; 2017) e Bosi (2007) — a loucura era sinônimo de desrazão e de incapacidade para o livre exercício da cidadania e para a fruição dos direitos sociais. Sendo assim, Lima Barreto, por mais que quisesse, não poderia deter-se única e exclusivamente sobre esta forma de leitura do fenômeno, tendo, então, de confrontar-se com estas outras leituras, ditas mais “científicas” acerca de tais objetos. Isto não é, todavia, para ele, movimento fácil, na medida em que, aos olhos do escritor, as ciências modernas perderam o vislumbre do mistério — e a figura do cientista moderno, do médico, do alienista, por sua vez, “lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza” (Barreto, 2017, p. 37).

Deste modo, o escritor nos traz ponderações sobre a loucura que são, também, olhares sobre a mesma como reflexos de momentos de “insânia”, em que a vida, por algum motivo, apresenta-se como por demais sofrida para diferentes homens e mulheres. Loucura pode ser compreendida, então, também como uma espécie de confusão — sobretudo quando trancafiada no ambiente do hospício, em que “as ideias e o sentido das frases de cada um dos interlocutores vão cada qual para o seu lado” (p. 49) — mas também como resultante maior de dores e sofrimentos, em que a desrazão surge quase como uma saída para aquilo que se enfrenta no campo da dita “normalidade”. Isto produz, aos loucos, um lugar social malquisto, representativo de alguém que, por um motivo ou outro, não foi capaz de lidar com as agruras da vida a que todas e todos somos, em maior ou menor medida, submetidos; o que faz do louco, aos olhos da sociedade, na análise barretiana, um “náufrago, um rebotalho da sociedade” (p. 193).

Ao fazê-lo, Lima Barreto centraliza uma análise social da loucura — o que também é defendido por autores contemporâneos, como Lancetti e Amarante (2006) e Dimenstein e colaboradores (2017) — e denota um considerável desinteresse pelas descrições médico-eugênicas e pelas perspectivas psiquiátricas hegemônicas das ciências modernas, chegando ao ponto de até mesmo ridicularizar estas últimas. O escritor considera, por exemplo, inaceitável que tomemos a hereditariedade como critério para a mensuração do “risco potencial” de enlouquecimento de determinado sujeito, e nos provoca à investigação de elementos que, ao seu olhar, e tomando sua própria vida em perspectiva, podem ser muito mais interessantes e representativos da condição humana do que tão somente a biologia e/ou a genética.

A mesma coisa o faz quanto ao alcoolismo. Para o escritor, tomar o alcoolismo como mera síndrome orgânica, hereditária, é esvaziar o sentido social dos usos possíveis para o álcool, bem como as trajetórias que conduzem um sujeito ao alcoolismo. Olhando para si mesmo, mas também falando acerca de outros companheiros, Lima Barreto contará como a pobreza, a humilhação e os medos decorrentes destas podem ser igualmente combustíveis no processo de “levar alguém à bebedeira” — o que faz do alcoolismo algo do campo das interações sociais e dos recursos estabelecidos pelos sujeitos como mediadores de sociabilidade (Santos; Verani, 2010; Martins; Amaral, 2012) — e não mera consequência de ter um pai ou um avô alcoolista, por exemplo.

Não se pode desconsiderar, neste íterim, que o escritor parecia diferenciar a loucura que se manifestava no alcoolismo da “loucura propriamente dita” (ou da psicose, para sermos mais específicos). Em alguns momentos, ele chega a questionar o porquê de estar obrigatoriamente trancado junto a outros homens que, ao seu olhar, apresentam desvios muito mais constantes e muito mais intensos que os seus. Se observarmos isto rapidamente e com certo desleixo, veremos, então, no escritor-paciente psiquiátrico uma certa presunção para a sua condição. Todavia, em outros momentos, sobretudo em suas últimas narrativas, ele mergulha no sofrimento que compreende derivado de seu alcoolismo, e tal e qual, rapidamente, também o reconhece em termos de sua gravidade. Como podemos apreciar, ele chega ao ponto de reconhecer que: “Minha capacidade inventiva e criadora, a minha instrução técnica e a minha pretensão eram insuficientes para fabricar um *Náutilus*, e eu bebia cachaça” (Barreto, 2017, p. 84, grifo do autor).

Isto demonstra que, ainda que optasse por esta análise social da loucura e do alcoolismo, e não por uma análise estritamente orgânica ou biológica, Lima Barreto não ignorava os sofrimentos que poderiam vir associados a tal condição. Do contrário, ele reconhece o sofrimento como algo presente, e parece procurar alargar as possíveis interpretações que podemos fazer sobre tal. Esse rechaço às teorias médico-eugênicas e às perspectivas psiquiátricas de definição da loucura e do alcoolismo, por sua parte, abrirá portas, outrossim, para uma interessante concepção que subjaz à narrativa barretiana: há, em Lima Barreto, uma leitura de que não se pensa a saúde e a doença, onde se inclui a alienação e suas diferentes formas de manifestação, sem os seus inerentes processos sociais, econômicos e políticos; processos estes que ocorrem na vida, que é complexa e dotada de muitos vieses.

Loucura e alcoolismo, em Lima Barreto, contudo, escapam também a esta dualidade (social *versus* biológico) apresentada. Ambos são mais que ou formas ampliadas de ver o mundo, ou sofrimentos estruturados nas relações sociais, ou ainda verdades incontestáveis da ciência. Loucura e alcoolismo são também formas e expressões de sofrimento e humilhação, mesmo enquanto respostas a sofrimentos anteriores. Sobretudo o alcoolismo é tomado pelo escritor como fenômeno que o levava a sofrimentos outros, e que surgiu ante ele como uma espécie de “única forma de lidar com a sua dor”. Logo, se há em tais expressões psíquicas uma ambivalência entre o mistério, a sociabilidade e a ciência, há nela também algo de uma dor bastante real e presente na vida de quem por elas é acometido. A descrição proferida pelo personagem Vicente Mascarenhas, como possíveis causas que o levaram à sua condição, revela o que estamos a argumentar: sua loucura e seu alcoolismo se encontram com seus sofrimentos familiares e seus sofrimentos profissionais.

Tinha trinta e poucos anos, um filho fatalmente analfabeto, uma sogra louca, eu mesmo com uma fama de bêbado, tolerado na repartição que me aborrecia, pobre, eu vi a vida fechada. Moço, eu não podia apelar para minha mocidade; ilustrado, não podia fazer valer a minha ilustração; educado, era tomado por um vagabundo por todo o mundo e sofria as maiores humilhações. A vida não me tinha mais sabor e parecia que me abandonava a esperança. Depois de beber consecutivamente durante uma semana, certa noite, amanheci de tal forma gritando e o dia seguinte passei de tal forma cheio de terrores, que o meu sobrinho André, que já era empregado e muito me auxiliava, não teve outro remédio senão pedir à polícia que me levasse para o hospício. Foi esta a primeira vez (p. 161).

Se assim o é, a lide psiquiátrica com a loucura e o alcoolismo também pode ser produtora de sofrimento e humilhação; algo a que Lima Barreto, como vimos, recorre inúmeras vezes ao longo de suas narrativas. Pela via do tratamento dado a tais fenômenos pelos alienistas, novos contornos definidores de ambos aparecerão, revelando-os, assim, como pura expressão de humilhação — a exemplo do que se vê em: “Esta passagem várias vezes no hospício e outros hospitais deu-me não sei que dolorosa angústia de viver que me parece ser sem remédio a minha dor” (p. 67) — e, como resposta psíquica a tais humilhações, veremos compor estas visões sobre a loucura e o alcoolismo um quase constante desejo de morte e de apagamento/aniquilamento de si.

Este lugar conferido à Psiquiatria como produtora ela mesma de sofrimento psíquico e adoecimento mental não é, também, novo. Isto aparece tanto nas compreensões sobre o hospital psiquiátrico como ambiente iatrogênico — produtor de loucura (Lancetti; Amarante, 2006) — como nas compreensões sobre o hospital psiquiátrico como ambiente higienista e segregador, voltando-se ao isolamento social (quase) como forma de punição e perseguição política. O interessante aqui é o quanto Lima Barreto aponta este sentimento de humilhação como algo derivado do estar no hospício, e não simplesmente de seu alcoolismo, no início dos anos de 1920, quando esta crítica será melhor fundamentada, no bojo da Reforma Psiquiátrica dentro e fora do Brasil, apenas décadas depois (Lancetti; Amarante, 2006).

Finalmente, e ainda neste quesito, há mais um último aspecto que convém salientar: há, na loucura, algo de uma intangibilidade e de uma inatingibilidade completa. Mais do que mistério, mais do que resultante de sociabilidades, mais do que objeto das ciências, mais do que reverberações de sofrimentos e humilhações, ela é, também, algo que nossos esforços jamais conseguirão sintetizar em explicação única e unidirecional. Ela transita, como conceito, por todas essas dimensões anteriores, mas pode ser mimetizada em tantas outras dimensões mais, sendo que todo o esforço para apresentá-la em tom uníssono será, de tal forma e nas palavras do próprio escritor-paciente, “pueril”. Por assim o ser: “há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez” (Barreto, 2017, p. 59).

3.2 Multicausalidade loucura-alcoolismo-pobreza

Em suas narrativas, Lima Barreto procura conjecturar articulações possíveis entre a loucura, o alcoolismo, a pobreza e as condições de trabalho (dentro e fora do hospício), em diferentes momentos e observando diferentes sujeitos. Mas, similar ao que faz no que tange às definições possíveis para a alienação, a loucura e o alcoolismo, quando o escritor procura rechaçar respostas científicas que sugiram como verdades biológicas incontestáveis o que desencadearia a loucura, o mesmo procura pensar sobre tais questões a partir de um prisma sobremaneira também social, sopesando o quanto condições concretas de vida e subsistência podem estar tão ou mais relacionadas à loucura e ao alcoolismo do que supostas predisposições orgânicas e/ou biológicas.

Para fazê-lo, o escritor-paciente volta a tomar para sua reflexão fatos de sua própria vida, e narra também histórias e fatos da vida de seus colegas pacientes e de profissionais que habitam e co-constroem a instituição psiquiátrica, para constatar, deste modo, o quanto a loucura parece rondar, mais particularmente, os pobres (e, colateralmente, os negros), e aqueles submetidos a piores condições de trabalho. Observando a sua própria história de vida, exemplificativamente, Lima Barreto dirá do quanto o seu alcoolismo, enquanto expressão de adoecimento e sofrimento, possui relação direta com a sua “falta de dinheiro”. Diz ele, assim, que: “todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele [o vício], e por sofrê-las, é que vou à bebida” (p. 46). Interessante é notar, portanto, no fragmento destacado, a ideia de uma certa circularidade que há entre o alcoolismo e a pobreza, em que o nosso interlocutor afirma que suas dificuldades financeiras advêm de seu uso abusivo de álcool e, por tais dificuldades financeiras, é que o mesmo se sente impelido a tal consumo.

Vale frisar que, para as Ciências Sociais em Saúde, quando pensamos no que leva ao desenvolvimento de doenças e agravos na vida de um determinado sujeito ou de uma determinada coletividade, sempre partimos deste olhar para o humano e as suas vicissitudes, bem como para os contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, culturais e ambientais em que os distintos sujeitos e/ou as distintas coletividades se encontram inseridos (Dimenstein et al, 2017). Assim, com o devido resguardo histórico, ao observarmos a narrativa barretiana, podemos suscitar que o escritor procura empreender um movimento bastante similar, quando nos aponta histórias suas, como a do fragmento acima, mas também quando diz, olhando para o hospício, que “tudo é de uma pobreza sem par” (Barreto, 2017, p. 38), e que os loucos originam-se, em geral, “das camadas mais pobres da nossa gente pobre” (p. 38).

Lima Barreto nos obriga, ante a tal, a reconhecer que há algo na relação entre loucura, alcoolismo e pobreza que se faz evidente, mas não como ponto causal incontestável, e sim como variável presente na realidade da maioria dos pacientes psiquiátricos com os quais conviveu e a partir dos quais pôde registrar suas memórias. E não é que Lima Barreto diga da pobreza, registre-se, como condição imprescindível para o desenvolvimento da loucura ou do alcoolismo; ou mesmo que ele diga que toda a pessoa acometida pela pobreza terminará enquanto sujeito louco ou alcoolista. Mas o escritor, ao dizer do que vê, não nega a evidente associação que há entre a maioria dos pacientes que

habitam o Hospital Nacional de Alienados e a sua condição socioeconômica, majoritariamente advindos de estratos sociais e étnico-raciais mais pobres e menos privilegiados.

Essa mesma disparidade social e econômica por parte da maioria dos pacientes, inclusive, é relatada como produtora de assimetrias de tratamento dentro do ambiente manicomial — o que se pode ver no que ele mesmo chamará de uma certa “diferença de classes” no hospício, e se ilustra bem no seguinte fragmento narrativo: “Os guardas em geral, principalmente os do pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem” (p. 66). Assim, para além de toda a dimensão anterior ao adoecimento em que poderíamos localizar a correlação entre loucura, alcoolismo e pobreza, ainda haveremos de problematizar os impactos de suas condições socioeconômicas aos pacientes psiquiátricos mesmo posteriormente ao seu adoecimento e decorrente internação/institucionalização.

Interessante é notar, também, que o escritor volta a se utilizar, em alguns momentos, destes argumentos, para novamente rechaçar hipóteses hereditárias quando à alienação, à loucura e ao alcoolismo. E, nesse rechaço, inclui ainda outras tantas associações possíveis para tais relações de causalidade, como sofrimentos familiares — em que destaca, em suas próprias palavras, o “choque moral da loucura progressiva de meu pai” (p. 46); e as frustrações de não ter visto alguns de seus sonhos se concretizarem, como o próprio sonho de, em vida, ganhar ampla notoriedade na sociedade carioca como um grande literato — o que ocorreria apenas *post mortem*, e que ele classificaria, ao seu tempo, como um “sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida” (p. 46). Tais “hipóteses”, se assim nos atrevermos a nominar, vão indicar em Lima Barreto uma suspeita de que a loucura e o alcoolismo não são objetos de fácil explicação — como vimos na discussão do desfecho anterior — e apontam para um horizonte multicausal quanto à sua investigação — o que encontra largo respaldo contemporâneo no estudo de Magda Dimenstein e colaboradores (2017), também já supracitado, quando este aponta para a existência de uma determinação social não apenas da saúde em termos gerais, mas, mais especificamente, para uma determinação social de nossa Saúde Mental.

Nesse ínterim, quanto à sua própria vida, é preciso lembrar que o escritor afirma que muitas causas “influíram para que viesse a beber” (Barreto, 2017, p. 49); mas, entre

todas as possíveis de se enumerar, afirma ele que a que mais lhe afetara fora, em verdade, “um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente” (p. 49). Por catástrofe doméstica, Lima Barreto descreve contextos de desamparo, em que ele adoecesse, sem poder oferecer a si mesmo assistência; em que seu pai adoecesse e morresse, sem que ele pudesse prestar-lhe os devidos cuidados; ou mesmo que ele ficasse desempregado, sem conseguir acesso a um emprego condizente com seus estudos e suas habilidades. Todas essas variáveis parecem compor, portanto, uma espécie de multicausalidade da loucura e do alcoolismo na narrativa de Lima Barreto, em que pobreza e condições de trabalho figuram em um lugar bastante central e produtor de repercussões subjetivas e/ou emocionais que não podem ser desconsideradas.

Tal e qual não concorda o escritor, entretanto, quanto a tomar em conta as respostas da ciência como verdades absolutas em momentos anteriores, reiteramos que ele, aqui, também não se propõe a uma afirmação tácita de que condições sociais e econômicas, assim como subjetivas e/ou emocionais, invariavelmente levariam um sujeito à loucura — e, se o fizesse, em alguma medida, cairia, então, em flagrante contradição de suas narrativas. Mas ao evidenciar reiteradamente a presença e a influência destas condições para o seu possível alcoolismo, bem como para o alcoolismo de Vicente Mascarenhas, seu personagem e *alter ego*, fica patente em Lima Barreto que a pobreza e a miséria, bem como as suas respectivas repercussões subjetivas e/ou emocionais, não são elementos que devemos descartar na análise de cada caso que nos chega em nosso saber-fazer em Saúde Mental (Dimenstein *et al*, 2017).

Ainda quanto às condições de trabalho nesta equação, convém também registrar as suas ideias acerca do labor que se desenvolvia especificamente no ambiente manicomial, e acerca do que, contemporaneamente, chamamos de iatrogenia (Lancetti; Amarante, 2006). Ao tomar em análise a condição de trabalho dos profissionais do hospício, suspeitando estarem eles também suscetíveis à loucura, a narrativa barretiana nos leva a nova consideração sobre a relação entre trabalho e enlouquecimento — que não se confunde com uma ideia estruturada no racismo científico, quanto a um possível “caráter contagioso da loucura”; e nem com os trabalhos forçados a que eram submetidos os pacientes, ponto que retomaremos em desfechos mais adiante. Antes, é o cotidiano, o dia a dia, as relações, sofrimentos e humilhações ali presentes, que o fazem debruçar-se

sobre tal divagação, em que acaba concluindo (ou apenas “deixando no ar”) que os trabalhadores manicomiais estão, de uma forma ou de outra, mais sujeitos ao enlouquecimento; e que, mesmo não sendo “psicólogo, nem psiquiatra, nem coisa parecida; (...) não é toda estúpida essa hipótese” (Barreto, 2017, p. 72).

E, uma última ressalva convém ainda ser feita neste presente desfecho: não detectamos, na narrativa barretiana, trechos em que ele inclua nessa equação de multicausalidade, em lugar central e direto, as questões da raça e do racismo. Isto, contudo, não é sinônimo de que estas correlações não estejam presentes na dinâmica que estamos aqui destrinchando; até porque, como vimos em suas narrativas, sobretudo em *O cemitério dos vivos*, se há uma maioria pobre presente no hospício descrito, há também constatada uma maioria negra — o que, por si só, já nos salta como um importante ponto a ser considerado, e que será retomado mais adiante.

3.3 Estereótipos e estigmas sobre os negros e os mestiços

Muito embora a maior parte das análises sobre o início do séc. XX se dê observando as contribuições das ciências médico-eugênicas para a formulação dos discursos do racismo científico na saúde (Schwarcz, 1993), Lima Barreto também produz em suas narrativas ideias e constatações acerca de tais questões, quando do próprio período em que elas ocorriam mais intensamente, e do lugar observador-participante de um paciente psiquiátrico. E, assim, em suas narrativas, o escritor procurou registrar suas impressões acerca dos estereótipos e estigmas voltados aos negros e aos mestiços dentro do espaço manicomial — presente tanto entre os médicos e demais profissionais do serviço, quanto entre os seus próprios colegas pacientes psiquiátricos.

Primeiro, vale ressaltar a observação do escritor quanto à hegemonia deste pensamento racializado e racista nas ciências, como em momentos em que ele mesmo afirma que “todos os antropologistas nacionais põem os defeitos e qualidades da raça nos traços e sinais que ficam à vista de todos” (Barreto, 2017, p. 123). Até mesmo a escolha do uso da palavra “antropologista” é curiosa, na medida em que tal expressão nos remete a alguém que tende a abusar do emprego de conceitos antropológicos. Se considerarmos a força dos argumentos da Antropologia Criminal de Nina Rodrigues sobre a sociedade, por exemplo, veremos que, de fato, há não apenas um excesso quanto ao que a teoria

antropológica poderia dizer para aquele momento, mas um idêntico excesso quanto às suas influências no imaginário social sobre as questões da raça e do racismo no Brasil.

Tais ideias antropológicas rodrigueanas e de seus asseclas permitiram não apenas o surgimento de discursos científicos como o da hereditariedade das condições associadas à loucura e à criminalidade e o da “natural degenerescência da raça negra”, mas sobretudo a sua expansão, resultando em uma forma coletiva de pensamento que imperou no ideário social por muitas décadas mantendo a eugenia, a craniologia e o racismo científico no horizonte não apenas dos “*homens de ciencia*”, mas de todo o povo brasileiro (Schwarcz, 1993). Lima Barreto deixa isso bem exemplificado em sua narrativa, ao trazer, pelo discurso de Vicente Mascarenhas, a ideia de que, no imaginário social, toda pessoa negra está mais suscetível à loucura e à criminalidade; ou, nas palavras do próprio escritor, “todo cidadão de cor há de ser por força um malandro” (Barreto, 2017, p. 143).

Ainda quanto aos estereótipos e estigmas aqui presentes, vale também trazer à baila as questões associadas a trabalho e nudez. Observemos que, na narrativa barretiana, há uma certa ideia de desumanização dos corpos dos pacientes psiquiátricos, que pode se justificar, em grande medida, pelo mesmo discurso que fundamenta a desumanização dos corpos negros. Assim, em todos os trechos onde vemos a presença de relações de trabalho forçado e de nudez não consentida, como ações degradantes e humilhantes, salta-nos aos olhos a inquietação do quanto isto pode ter algo relacionado com o fato da população psiquiátrica ser majoritariamente negra e mestiça; inclusive como possível herança dos processos de escravização e do tratamento que era dado aos povos africanos que foram trazidos forçosamente ao Brasil.

Fundamental é também recordar que tudo isto, aos olhos de Lima Barreto, não ocorre de forma incólume e sem visões díspares. Ao abordar as relações estabelecidas, por exemplo, com Juliano Moreira, que era um médico psiquiatra, mas também um homem negro, o escritor descreve um modo de relação para consigo que fora bastante melhor do que nas outras relações médico-paciente estabelecidas até então. Lima Barreto não chega ao ponto de conjecturar se esta melhor relação médico-paciente, neste exemplo, teria relação com o fato de Juliano Moreira ser um homem negro — e nem mesmo chega a tecer considerações sobre a pertença étnico-racial do médico em tela — mas também nos chama à atenção a diferença basilar que há na relação estabelecida entre ambos

(enquanto homens negros), especialmente quando comparada às relações estabelecidas entre Lima Barreto e todos os demais médicos a quem ele cita (todos, homens brancos).

3.4 A estética (negra) do hospital psiquiátrico

Tomando por base os estereótipos e os estigmas construídos sobre a população negra e mestiça brasileira, acredita-se haver uma correlação entre o racismo científico e a maior internação/institucionalização de pessoas negras em hospitais psiquiátricos no Brasil. Esta não é, contudo, uma ideia exatamente nova entre os intelectuais da Saúde Mental e das Relações Étnico-Raciais, como se pode ver fartamente na leitura atenta de Costa (2007). Entretanto, tais percepções advindas de pacientes psiquiátricos/usuários de serviços de Saúde Mental é mais rara, e precisamente aqui consideramos haver grande relevância nas leituras e narrativas produzidas por Lima Barreto acerca de tais questões.

O escritor observa atentamente o ambiente manicomial em que se encontra inserido, e discorre sem dúvidas quanto à maior presença negra e mestiça em tal espaço. Para fazer isto, ele se utiliza de recursos imagéticos, que nos levam a descrições por demais intensas quanto a esta presença majoritária. Ele nos faz ver, pela sua narração, a cor negra que habita, em hegemonia, o hospital psiquiátrico.

Para fazê-lo, primeiro, o escritor se fundamenta na percepção de que há, no hospício, algumas divisões de classes. Essas divisões ocorrem não apenas na forma das relações profissional-paciente, mas também nas relações paciente-paciente. Entretanto, mesmo com tais divisões, ele considera que os alienados ali internados estão todos, em maior ou menor medida, em uma espécie de cemitério, fadados a uma espécie de morte em vida, e diz: “Aqui, no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário, etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa” (Barreto, 2017, p. 74)³.

Associada a esta imagem do hospício como um cemitério, ele nos diz deste ambiente, também, como o espaço da tristeza — tristeza esta, por sua vez, que, de tão intensa, chega a assumir formas visíveis e metáforas tangíveis — onde, no hospício, é “unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo,

³ “O escritor enfatiza que a divisão social se faz presente até mesmo no cemitério: carneiro perpétuo — sepultado com espaço para dois caixões e dez caixas de ossos — e cova rasa — quando um caixão simples ou o próprio corpo é depositado diretamente na terra” (Nota de Rodapé in: Lima Barreto, 2017, p. 74).

tristeza que nada pode espancar ou reduzir” (p. 152). E essa tristeza que assola o hospício, por sua vez, vem acompanhada de um profundo silêncio, que também assume um lugar central para a narrativa barretiana. Em sua descrição do hospício, por conseguinte, e em diferentes momentos, o escritor reitera que o que há de mais dificultoso em se estar em um hospício não são os ruídos, derivados dos desvarios dos loucos; do contrário, o que há de mais o dificultoso é o silêncio: “O que todos julgam, é que a coisa pior de um manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o seu delirar em voz alta. É um engano. (...) o horror misterioso da loucura é o silêncio” (p. 167).

Frente a este desenho do hospício, como locus da tristeza e do silêncio, é que Lima Barreto nos traz a sua percepção sobre a cor do manicômio. Em diálogo com os males que os estereótipos e os estigmas construídos sobre a população negra e mestiça brasileira produzem, ele nos descreve o hospício como um espaço que também se fundamenta nestes mesmos estereótipos e estigmas — onde o negro louco é, portanto, o “tipo completo do *espécimen* mais humilde da nossa sociedade” (p. 163; grifo nosso).

Os negros são, assim, a presença majoritária, no pátio, no refeitório, nos quartos, e essa presença se evidencia, por mais que a negue a Psiquiatria, também pela estética manicomial: se, de um lado, nega-se que o critério étnico-racial tenha sido utilizado para a internação/institucionalização prioritária de pessoas negras e mestiças em hospitais psiquiátricos (Costa, 2007), do outro lado, a cor negra grita e se presentifica, não deixando qualquer margem a dúvidas quanto à sua hegemonia neste espaço — o que nos diz o próprio Lima Barreto, ao narrar que: “Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que *tudo é negro*” (Barreto, 2017, p. 168; grifo nosso).

E não é só o hospício em si que conserva essa imagem negra majoritária e tão dolorosa. Não nos esqueçamos que, em momentos outros, ele faz descrições de outras condutas voltadas aos negros loucos que também nos recordam de outros símbolos do que foi a crueldade branca direcionada à população negra — como no exemplo do navio negreiro (embarcação marítima historicamente utilizada, entre os séculos XV e XIX, para o transporte de negros africanos expropriados de suas terras e trazidos forçosamente ao Brasil). Ao descrever o transporte dos loucos ao hospício, por parte da polícia, Lima Barreto é certo em sua narrativa: “A carriola, pesadona, arfa que nem uma nau antiga, no calçamento” (p. 144). A metáfora rapidamente nos rememora a figura do navio

negreiro, metáfora esta que surge como algo que se aplica ao hospício, em cena que é narrada pelo escritor com igual tristeza às das leituras que faz dos demais ambientes e contextos manicomiais.

E, tal e qual lê com vivacidade a tristeza e o silêncio no hospício, Lima Barreto lê com igual vivacidade a maior presença negra ali, transpondo na metáfora de um corte o quanto esta visão é impactante e domina o pensamento de quem se detém em observar o hospício, afirmando que: “*O negro é a cor mais cortante*, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento” (p. 168; grifo nosso). E essas imagens cortantes virão também na forma da denúncia do abandono, em que Lima Barreto nos descreve um espaço onde há uma quase absoluta ausência de higiene, de *quefazer*, de volição, que resulta na visão de uma “quase morte em vida”, que mais parece uma sentença de que, àqueles sujeitos, se impõe um *não poderás ir além*: o que se mimetiza, em desfecho, na própria ideia do hospício como um “cemitério de vivos”, em que impera o “desejo de morte”.

Creemos que, para a discussão de âmbito étnico-racial, essas narrativas e percepções de Lima Barreto quanto à estética (negra) do hospital psiquiátrico sejam algo do que há de mais valioso em sua narrativa. Isto porque, e é vital destacarmos novamente, Lima Barreto costura tais leituras em 1920, no auge da penetração do pensamento médico-eugênico racializado e racista nas ciências e na sociedade em geral, e do lugar de um paciente psiquiátrico. Se há, neste caso, esforços contemporâneos de negar a questão étnico-racial como uma questão fundamental para o desenvolvimento da “indústria da loucura” no Brasil (Costa, 2007), o resgate da literatura barretiana e de suas narrativas pode nos servir, de outro modo, como suficiente ferramenta histórica de produção de memória e de justificação para a defesa de um olhar antirracista na Reforma Psiquiátrica e na Luta Antimanicomial contemporâneas.

3.5 Ética alienista, “cultura do doutor” e polaridades psiquiátricas

A narrativa barretiana, talvez de forma mais acintosa do que com relação a qualquer outra pauta, esquadrinha e esmiuça a prática psiquiátrica do início do séc. XX, tanto a partir das experiências pessoais de seu autor, quanto a partir de observações e opiniões produzidas pelo mesmo em suas leituras e compreensões sobre as questões da

loucura e do alcoolismo. De uma forma ou de outra, o que importa destacar aqui é o quanto a prática dos alienistas parece ser objeto de meditação profunda da parte de Lima Barreto, que, em uma inversão de papel, e com bastante acidez, irá descrever, avaliar e concluir diversas coisas quanto aos alienistas e à sua ciência e profissão.

Começemos por uma investigação acerca do que estamos chamando de “Ética Alienista”. Há diversos trechos em que o autor procura observar o que baliza a prática psiquiátrica, qual o seu *ethos* de produção científica e profissional. Ele pondera que parece haver no dispositivo basilar da intervenção psiquiátrica manicomial — a internação — algo que a afasta da modernidade do pensamento científico. Diz-nos ele que, ao depararem-se com a insuficiência de seu saber-fazer diante da loucura, os psiquiatras seguem, assim, apelando para “o processo da Idade Média: a reclusão” (Barreto, 2017, p. 71).

Ele se ocupa, desta forma, em criticar a internação e o isolamento social como as principais ferramentas da intervenção psiquiátrica de época, denunciando que tais recursos não vêm em benefício do paciente, ou mesmo no sentido de uma investigação e “cura” de sua condição. Reflete que tais recursos se ocupam muito mais de privar o louco de uma convivência com o mundo, reduzindo a sua experiência de vida ao ambiente circunscrito do hospício; algo que, inclusive, lhe causa evidente temor de que ocorra para consigo. Por tais observações da prática alienista, o escritor afirma haver, no saber-fazer desta ciência e profissão, nada mais, nada menos do que uma ineficácia: “Conheço loucos, médicos de loucos, há perto de trinta anos, e fio muito que a honestidade de cada um deles não lhes permitirá dizer que tenha curado um só” (p. 74).

Vale ressaltar que a ciência e profissão alienista ou psiquiátrica, deveras, assentou-se em três práticas fundamentais ao longo de sua história no século XX: a medicamentação; as intervenções invasivas ao corpo humano (como o eletrochoque e a lobotomia); e a internação e o isolamento social a partir de instituições asilares (Schwarcz, 1993; Lancetti; Amarante, 2006; Costa, 2007). Vejamos brevemente cada uma destas três práticas fundamentais:

- (a) A *medicamentação* consiste no uso dos psicofármacos como recurso para o controle da manifestação de certos sinais e sintomas. A princípio, o seu uso deveria diminuir a intensidade de algumas manifestações de sofrimento psíquico e/ou adoecimento mental presentes nos sujeitos, de forma a permitir que

intervenções psicodinâmicas e/ou psicossociais pudessem ocupar um lugar terapêutico imediato após tal efeito — contudo, historicamente, sabe-se que nem sempre esta foi a realidade que se vivenciou. Por diversas vezes na história sanitária e psiquiátrica mundial e nacional, o medicamento acabou sendo utilizado como dispositivo de “tamponamento subjetivo”, sendo, em conjunto com a internação e o isolamento social, as únicas estratégias voltadas aos sujeitos que se encontravam na condição de pacientes psiquiátricos (Lancetti; Amarante, 2006; Costa, 2007).

- (b) As *intervenções invasivas*, por sua vez, tiveram seu auge na virada da primeira para a segunda metade do século XX, tendo como seus dois principais representantes o *eletrochoque* — hoje renomeado como eletroconvulsoterapia (ou ECT) — e a *lobotomia* — hoje renomeada como psicocirurgia. No entanto, pela sua utilização, por diversas vezes, em caráter punitivo e até mesmo como tortura, além das baixas evidências científicas correlatas, as mesmas acabaram sendo classificadas como intervenções “bárbaras”, sendo o seu uso, nos dias atuais, alvo de grandes controvérsias e disputas discursivas entre as ciências médicas e da saúde (Lancetti; Amarante, 2006; Costa, 2007).
- (c) Já a *internação* e o *isolamento social* figuram como algumas das primeiras práticas em Psiquiatria, remetendo-nos até mesmo à época do alienista francês Philippe Pinel — motivo pelo qual Lima Barreto, inclusive, as nomina como “práticas da Idade Média”. Costuram-se a partir da suposição de que, ao retirar um sujeito de seu ambiente de socializações, seria possível submetê-lo a um conjunto de terapêuticas em ambiente higiênico e isolado, “curando-o” e, somente assim, sendo possível “devolvê-lo” ao seu ambiente de socializações original. Todavia, inclusive partindo-se dos referenciais das Ciências Sociais em Saúde, hoje, considera-se que esta premissa conservava um erro crasso fundamental: os seres humanos forjam-se subjetivamente na socialização, logo, seus sofrimentos e adoecimentos também. Partir da lógica de que seria possível “curar” sofrimentos psíquicos e adoecimentos mentais fora do ambiente de socializações, então, seria de uma profunda incoerência. A isto, soma-se o fato de que a internação e o isolamento social acabaram tendo um caráter muito mais de higiene social e de remoção das pessoas ditas “loucas” do convívio em sociedade do que efetivamente de projeto de cuidado (Schwarcz, 1993; Lancetti; Amarante, 2006; Costa, 2007).

Desta forma, a análise barretiana quanto às práticas psiquiátricas da época em tela, em que se privilegiavam a internação e o isolamento social, leva-nos a uma constatação de que, desde aquele momento histórico, o escritor já as detectava enquanto práticas insuficientes, componentes de uma ética profissional e científica pouco centrada,

efetivamente, no cuidado ao paciente — algo que também aparece nos estudos de Arantes (2008a; 2008b; 2008c; 2010), Bosi (2007) e Schwarcz (1993; 2011; 2017).

Por conseguinte, o escritor compreende que esta ausência de modernidade interventiva não vem, a princípio, de uma ausência de intento dos alienistas em conhecerem outras formas de oferecer cuidado às pessoas acometidas pela alienação, pela loucura e pelo alcoolismo; mas sim de uma ausência de capacidade crítica para este encontro com as tais “novidades” científicas, que pode nos apontar para uma forte presença de uma *colonialidade do pensamento*. Acerca disto, ele critica, por diversas vezes, tanto uma ausência de centralização das questões nacionais na literatura e nas ciências — o que aparece tanto em sua própria vida, quanto na vida de alguns de seus principais personagens, como Vicente Mascarenhas e o major Policarpo Quaresma (Arantes, 2008b; Marinho, 2010) — quanto uma certa “euforia” irrefletida acerca de possíveis “novidades” científicas, sem que se pondere a necessária e urgente contextualização de cada uma delas ao tempo e ao espaço em que, a princípio, se deseja inseri-las.

Quanto à primeira crítica, o escritor dirá, assim, que: “Esta nossa sociedade é absolutamente idiota. Nunca se viu tanta falta de gosto. Nunca se viu tanta atonia, tanta falta de iniciativa e autonomia intelectual!” (Barreto, 2017, p. 77). Já quanto à falta de contextualização dos conhecimentos advindos de fora do Brasil, como dos EUA e da Europa, ele arremata que os alienistas seriam “meros repetidores de asserções das notabilidades europeias” (p. 135). E assim, em ambas estas reflexões, ele evidencia isto que, dialogando com Dussel (1993) e Quijano (2005), temos chamado de colonialidade do pensamento; ou, em outras palavras, de colonialidade do saber-fazer alienista e/ou psiquiátrico. Logo, os alienistas/psiquiatras brasileiros teriam um grave problema por enfrentar, quanto a sua própria concepção de si, posto que: “Abdicam do direito de crítica, de exame, de livre-exame; e é como se voltássemos ao *regímen* da autoridade” (Barreto, 2017, p. 135; grifo nosso).

Esta colonialidade que estamos apontando, em nossa leitura da narrativa barretiana, fundamenta o que chamamos, doravante, de “Cultura do Doutor”. Lima Barreto compreende que este comportamento colonizado diz respeito a uma vaidade doutoral premente não só no ambiente psiquiátrico, mas em toda a ciência brasileira — o que ele sintetiza, para a Psiquiatria, em: “O hospício tem uma particular admiração pelos

títulos doutorais” (p. 197). Há, acusa o escritor, um desejo de títulos e de ostentações intelectuais que nos afasta da possibilidade de conhecer, de frente, os problemas e as questões que interessam a nossas práticas profissionais e científicas em saúde na realidade nacional; quanto mais no campo da Saúde Mental.

Esta vaidade acaba apenas alimentando a ética alienista centrada em práticas ineficazes que o escritor acusara e nós evidenciamos anteriormente, impedindo-nos, como intelectuais e profissionais da Saúde Mental, de produzirmos boas práticas de cuidado direcionadas às pessoas de quem queremos cuidar. E mais: ela pode escamotear, também, um certo medo de nos depararmos com o intangível da loucura, de que o escritor também falara anteriormente. Na vaidade dos títulos, pode resvalar um distanciamento que acaba produzindo desprezo pelo humano e suas vicissitudes, e que, na verdade, se dá pela nossa incapacidade de sondar este mesmo humano e estas mesmas vicissitudes por completo. E, a princípio, esta “Cultura do Doutor”, notemos bem, poderia apenas produzir distanciamento e práticas ineficazes aos alienistas. Contudo, o que se tem visto é que ela tem sido também motivo de manutenção contemporânea de lógicas e discursos nefastos, que seguem alienando pessoas de seus direitos sociais, cerceando a liberdade e resultando em vidas ainda mais sofridas para as pessoas que já padecem de sofrimento psíquico intenso e/ou de adoecimentos mentais graves (Lancetti; Amarante, 2006; Costa, 2007). Logo, para Lima Barreto, tal “cultura”, que segue lastreando a internação e o isolamento social como supostas “ferramentas de cuidado”, tem um resultado já ponderado, experimentado pelo próprio escritor, em sua própria internação: *desejo de morte, de aniquilamento de si*.

Aqui surge um nó crítico fundamental de reconhecermos: esta não é uma discussão apenas sobre os caminhos e descaminhos de uma ciência e uma profissão, na visão de um paciente psiquiátrico. Ela é, também, uma meditação acerca dos impactos subjetivos que tais “ética alienista” e “Cultura do Doutor” têm produzido nas pessoas que deveriam obter das ciências em saúde e em Saúde Mental um cuidado efetivo — seja em 1920, seja hoje. Lima Barreto nos faz ver isto, em 1920, pela própria percepção de que, como sujeito-objeto dos conhecimentos e práticas da Psiquiatria, ele perdera o direito sobre seu corpo: “Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia” (Barreto, 2017, p. 194).

Aqui é que apontamos, inclusive, as tais “Polaridades Psiquiátricas” — haja posto que esta narrativa não é totalizante; ou seja, para todos os profissionais da Psiquiatria com quem Lima Barreto se encontrou. Novamente menção seja feita a Juliano Moreira, com quem o escritor pôde estar e vivenciar uma outra percepção de cuidado, de interesse médico pela sua vida e pelo seu bem-estar. Ele fala disso abertamente ao mencionar que Juliano Moreira o tratou “com grande ternura”, e o fez “sentar-se a seu lado”. Vemos em tais exemplos mimetismos de um reposicionamento, de uma outra possibilidade de se estar no contato com as pessoas acometidas pela alienação, pela loucura e pelo alcoolismo — enfim, mimetismos de uma outra polaridade psiquiátrica possível.

Conclusão

A análise da obra autobiográfica de Lima Barreto, *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* (2017), revela uma crítica incisiva à vida no Brasil no início do século XX, em que procuramos destacar a relação complexa entre saúde mental e racismo que a mesma desvela. O autor, outrossim, desvela um sistema opressor que se manifesta na pretensa noção de “cuidado” que era direcionado às pessoas consideradas “alienadas” ou “loucas” no séc. XX; onde, notavelmente, esse “cuidado” acabava por revelar-se excessivamente humilhante, especialmente quando direcionado a pessoas negras.

Ao desenterrar, então, as narrativas entrelaçadas entre saúde mental e racismo na obra de Lima Barreto, acabamos por revelar que o mesmo não apenas documenta a sua própria experiência no manicômio, mas também apresenta uma crítica contundente ao pensamento psicológico/psiquiátrico nacional daquele tempo. Portanto, longe de oferecer conclusões definitivas, a obra barretiana evidencia os espaços reservados a esse pensamento na tentativa de compreender e lidar com questões relacionadas à saúde mental, revelando as complexidades e injustiças que permeavam a atuação manicomial voltada às pessoas (sobretudo, negras) na sociedade brasileira do início do século XX.

Isto posto, e à guisa de conclusão, cremos que o ensejo do presente estudo foi alcançado, na mesma medida em que reconhecemos os seus limites — em termos, por exemplo, de uma maior e mais profunda comparação das obras selecionadas com as demais do escritor, ampliando a percepção possível quanto às suas ideias, de forma geral,

acerca da psiquiatria, da loucura e do racismo. Indica-se, deste modo, que pesquisas futuras possam lançar-se ao estudo de outras obras de Lima Barreto (e mesmo do encontro do escritor com Julianio Moreira, outra figura histórica negra aqui já mencionada e sempre digna de nota), mas na mesma interface aqui proposta, de modo tal que seja possível detectar outras aventuras e desventuras narrativas barretianas na vastidão crítica de seu legado literário. Oxalá.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Marco Antonio. Para mim, Paraty: alcoolismo e loucura em Lima Barreto. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. Port.), v. 04, n. 01, pp. 01-17, 2008a. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v4n1/v4n1a10.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ARANTES, Marco Antonio. Estranhos interiores: a loucura em *Triste fim de Policarpo Quaresma*. *Psicol. Estud.*, v. 13, n. 04, pp. 875-883, 2008b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/59FrWfsPVXYQNPWpkPKsQgv/?lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ARANTES, Marco Antonio. Hospício de doutores. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 15, n. 01, pp. 49-63, 2008c. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/bqtSWzy8gk8R5LT7qSsXhcz/?lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ARANTES, Marco Antonio. Loucura e racismo em Lima Barreto. *Espaço Plural* (Unioeste), v. 11, n. 22, pp. 45-56, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/4833/3701>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos. Testemunho e ficção. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 12, n. 10, pp. 13-25, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/23606>. Acesso em: 17 jan. 2024.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: Um corte ideológico*. São Paulo: Garamond. 2007. 140 p.

DIMENSTEIN, Magda; SIQUEIRA, Kamila; MACEDO, João Paulo; LEITE, Jader; DANTAS, Cândida. Determinação social da saúde mental: contribuições à Psicologia no cuidado territorial. *Arq. Bras. Psicol.*, v. 69, n. 02, pp. 72-87, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2024.

DUSSEL, Enrique. 1492. *O encobrimento do outro. A origem do mito da Modernidade: Conferências e Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LANCETTI, Antonio; AMARANTE, Paulo. Saúde mental e saúde coletiva. In: CAMPOS, G. W. S. (Org.). *Tratado de saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec Editora, 2006. pp. 615-634.

MARINHO, Maria Celina Novaes. Dialogismo e incompreensão em *Triste fim de Policarpo Quaresma*. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 01, n. 04, pp. 88-94, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4301/2905>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MARTINS, Guilherme P. C.; AMARAL, Marcela C. M. Representações da loucura no Brasil: Medicalização e visão do internamento em Lima Barreto. *Revista de Ciências Humanas*, v. 46, n. 02, pp. 295-313, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2012v46n2p295>. Acesso em: 17 jan. 2024.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Educação e ancestralidade em Lima Barreto: um narrador em busca da reconciliação com o passado. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 04, n. 02, 2018. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/913>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: Uma autobiografia literária*. São Paulo: Editora 34, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. pp. 107-130.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto: cronista do Rio. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Autêntica/FBN*, 2017.

ROCHA, Renan Vieira de Santana. *Saúde mental e relações étnico-raciais no Brasil: narrativas de Lima Barreto, leituras historiográficas e elucubrações ulteriores*. 2022. 290 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) — Instituto de Saúde Coletiva (ISC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2022.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. *Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, v. 17, supl. 02, pp. 400-420, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BdSBLb4vtb3dGT43bk9DL5M/?lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SCHÜTZE, Fritz. Sociological and Linguistic Analysis of Narratives. *International Yearbook for Sociology of Knowledge and Religion*, v. 10, pp. 07-41, 1976. Disponível em: <https://www.springer.com/series/11066>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SCHÜTZE, Fritz. Análise sociológica e linguística de narrativas. *Civitas — Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 02, pp. e11-e52, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/17117>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. *Sociol. Antropol.*, v. 01, n. 01, pp. 119-150, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/VTWQ9vkmxzw3GcyLJY9xzkd/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. Resenha. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, n. 54, pp. 475-481, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/spptXQDg7gsQmMWkFPvbxXm/?lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2024.

Recebido em 26/01/2024

Aprovado em 25/04/2025

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo “Entre a (In)Sanidade e a Denúncia Racial: Aventuras e Desventuras Narrativas em ‘Diário do Hospício & O Cemitério dos Vivos’ (1956), de Lima Barreto, propõe-se a destacar, como consta em seu resumo, “os espaços ocupados pelo pensamento psicológico e psiquiátrico na sociedade brasileira daquele período, conforme retratado nas narrativas da obra selecionada” do autor. De fato, o pesquisador, ao longo do trabalho, estabelece um paralelo entre o mencionado “pensamento psicológico e psiquiátrico” e as obras literárias referidas. Para levar a cabo este intento, seleciona-se bibliografia específica, pertinente e atualizada, seja quanto às balizas científicas (ou pretensamente científicas) das décadas iniciais do século XX no Brasil relativas às doenças mentais, seja quanto às reflexões de ordem crítica acerca de Lima Barreto. É bem verdade que este segundo grupo de publicações encontra-se menos evidente no trabalho. Porém, esta circunstância é justificada, a meu juízo, pela cuidadosa leitura das obras de Barreto, a todo momento evocada para ilustrar ou problematizar aspectos do pensamento psicológico e psiquiátrico então em voga, em relação ao qual o escritor, pelo que se

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e65354p, jul./set. 2025

depreende do estudo, mostra-se em mais de um aspecto em posição de vanguarda. Exemplo disso, como se lê já no título, é a tensão por ele estabelecida “entre a (in)sanidade e a denúncia racial”, objeto de reflexões contemporâneas, como aborda o pesquisador. Eis uma contribuição importante do artigo em questão, que se beneficia, em larga medida, de uma redação clara e elegante, que potencializa as pertinentes e igualmente claras considerações de ordem metodológica, presentes desde as primeiras páginas. Assim sendo, recomenda-se a publicação. APROVADO

Júlio de Souza Vale Neto – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, São Paulo, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-1356-752X>; julio.valle@unifesp.br

Parecer emitido em 27 de junho de 2024.

Parecer II

O texto está bem construído e tecnicamente contém todos os elementos para publicação em periódico acadêmico. Possui um olhar muito voltado para aspectos de Medicina Social e Psiquiatria. Não abre para a perspectiva multidisciplinar. Por exemplo: simplesmente narra a relação com seu pai e não aprofunda duas questões importantes na biografia de Lima Barreto e na sua internação no manicômio: o fato do pai ter sido diretor de uma instituição asilar para loucos na Ilha do Governados (o que historicamente) coloca seus irmãos e ele próprio numa situação subjetiva de proximidade e perspectiva de resolução de problemas decorrentes do alcoolismo. E, o que é muito importante, o nível de frustração de Lima Barreto decorrente dos fracassos sociais e pessoais (as sucessivas reprovações na Politécnica que o impediram de obter o título de engenheiro). Como o(a) autor(a) se limita a observação somente das obras *Cemitério dos vivos* e *Diário do hospício*, uma visada no conjunto dos escritos de Lima Barreto permitiria encontrar mais elementos para a interpretação. O artigo deve ser aprovado, realizada uma revisão (especialmente para o título). Embora contenha limitações, é uma contribuição. Não apresenta, no entanto, novidades nem temáticas ou metodológicas para análise de discurso. Recomendamos ao (a) autor(a) uma ampliação bibliográfica sobre Lima Barreto e sobre as duas obras analisadas neste artigo. APROVADO

Gizlene Neder – Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-9550-015X>; gizlene.neder@gmail.com

Parecer emitido em 04 de julho de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara